



O DESEJO E O CIÚME EM *DOM CASMURRO*: UMA INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DA TEORIA FREUDIANA

DESIRE AND JEALOUS IN *DOM CASMURRO*:
AN INVESTIGATION THROUGH FREUDIAN THEORY

Daniele Grigolo¹
Universidade Federal da Fronteira Sul

Fabício Romani²
Universidade Federal da Fronteira Sul

Resumo: O presente artigo se dedica a uma crítica literária direcionada à obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Inicialmente, expõe-se a metáfora do ciúme, vinculado à abordagem de *Dom Casmurro* sobre *Capitu*. Posteriormente, verifica-se a relação entre Bento Santiago e Escobar, e todas as ramificações que resultam partindo desta relação, por entender, também, que é nela que se baseiam os diversos discursos vinculados à culpabilização da personagem supramencionada. Ademais, utilizou-se a teoria de Freud (2011) acerca dos mecanismos neuróticos envolvidos no ciúme. Conclui-se que existem trechos da obra que possibilitam a leitura do desejo e que o ciúme promove leituras outras da relação do personagem consigo mesmo e com os outros. Nota-se também a possível tentativa de ‘desviar’ o olhar do leitor, e direcioná-lo sobre *Capitu*.

Palavras-chave: *Dom Casmurro*; Freud; Psicanálise; Ciúme; Desejo.

Abstract: This article serves as literary criticism directed to the work “*Dom Casmurro*”, by Machado de Assis. Initially, the metaphor of jealousy is exposed, linked to *Dom Casmurro*’s approach to *Capitu*. Subsequently, analyze the relation between Bento Santiago and Escobar, and all the ramifications that result from this relation, considering that it is from it that is based the various discourses linked to the guilt of the aforementioned character. Furthermore, the Freud’s theory (FREUD, 2011) involving the

¹ E-mail: danygr1@hotmail.com.

² E-mail: fabricioz.1.2@hotmail.com.

neurotic mechanisms pertaining to Jealousy was used. It is concluded that there are excerpts from the work that allow the reading of desire and that jealousy promotes other readings of the character's relationship with himself and with others. There is also a possible attempt to 'deviate' the reader's gaze, and direct it towards Capitu.

Keywords: *Dom Casmurro; Psychoanalysis; Jealousy; Wish.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Machado de Assis foi um influente escritor brasileiro do século XIX. Sua obra referência para o desenvolvimento deste trabalho é *Dom Casmurro*, publicada em 1899. Sua produção é narrada por Bento Santiago (Bentinho) e explora a dúvida obsessiva sobre a fidelidade de sua esposa, Capitu. A trama examina temas como memória, inveja e sociedade brasileira da época, e é conhecida pela narrativa ambígua, que por sua vez, possibilita diferentes perspectivas de leitura sobre a mesma.

Neste estudo, pretende-se promover uma leitura de *Dom Casmurro* com um olhar para o ciúme. Contudo, não se trata de uma leitura que se entrega à narrativa de Bento Santiago, mas sim, que busca questionar o discurso analítico colocado sob a personagem de Capitu. Entende-se, também, que o personagem pode, através da narrativa de ciúme e traição, velar do leitor outras interpretações sobre a história e seu enredo.

Dom Casmurro, em um primeiro contato, parece ser apenas um romance à moda do século 19, apostando em divergências familiares, traições e na tragicidade, porém, na presente pesquisa, buscou-se demonstrar que a obra é permeada, em suas entrelinhas, por diversas relações de amor e desejo, atravessadas também por questões de gênero. Além disso, visou-se expor que o ato constituinte da leitura é rodeado de perspectivas distintas de interpretação e de imagens de leitura. Nesse sentido, apresentar *Dom Casmurro* a partir dessas imagens revela uma obra polissêmica.

Deste modo, parte-se das imagens de leitura que permeiam a história de Casmurro para compreender o que oportuniza o entrelaçamento acerca da obra de Machado de Assis. A partir destas imagens em questão, é possível retomar os gestos de leitura ligados a cada época e a cada leitor/crítico de Dom Casmurro. Deste modo, pretende-se aproximar a obra de Machado de Assis (1839-1908) do que propõe Freud em um de seus estudos, escrito em 1922, e promovendo uma possível (re)leitura do triângulo amoroso estruturado a partir da relação entre Bento Santiago, Capitu e Escobar.

1 DOM CASMURRO: UMA NARRATIVA DE CIÚME

Em *Dom Casmurro*, um texto que se constrói a partir de uma narrativa única, pela voz e visão de um único personagem, o leitor tem como material de análise apenas a experiência e percepção do narrador. A essa subjetividade Caldwell em sua obra *O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro* afirma que a obra narrada por Casmurro é uma maneira desse personagem justificar os próprios atos, enquanto Capitu se mantém em silêncio durante todo o romance. Considerando isso, a crítica retoma a ideia de que o romance é narrado de uma maneira que deixa ao leitor o poder de decidir sobre a acusação. A pesquisadora propõe que “A ‘narrativa’ de Santiago não passa de uma longa defesa em causa própria” (CALDWELL, 2002). O leitor, então, tem a falsa impressão de que pode opinar sobre a fidelidade de Capitu, pois a todo o momento o narrador dialoga com o leitor, como em uma conversa entre amigos. O que é importante perceber é que toda a argumentação de Casmurro conduz o leitor a uma única conclusão: a da infidelidade.

Refletir sobre a metáfora permite, por diversas vezes, compreender os sentidos que um mesmo texto pode oferecer em distintos contextos. Portanto, pretende-se aqui conduzir o leitor a mais uma dessas possibilidades de leitura: partindo da metáfora do ciúme, presente na obra *Dom Casmurro* (1899), de

Machado de Assis, aprofundar a investigação acerca da relação entre Bento Santiago, Capitu e Escobar.

Portanto, vale afirmar que uma mesma leitura pode ser interpretada de maneiras distintas pelo mesmo leitor ou por pessoas diferentes, em um mesmo momento histórico ou em épocas distantes, ou seja, o contexto em que este leitor está inserido (ORLANDI, 2001). O que constitui cada modo de ler está ligado a vários fatores, tendo em vista que cada tempo possui chaves de interpretação e leitura da realidade diferentes.

Para tanto, pensar nas produções socio-históricas e culturais em que surgem as metáforas culmina, em nosso estudo, na reflexão de onde e sob quais circunstâncias surgem essas imagens de leitura e o que permite que sejam retomadas. A metáfora age de modo a ler o texto e seu leitor ao mesmo tempo, então, sugerir seu funcionamento é o passo principal para compreender seu aparecimento na análise, sendo isso fundamental para ilustrar como ela age sendo tão presente em enunciados e discursos.

Percebe-se, por exemplo, que leituras e críticas que vigoraram até os anos 1960 – época em que mais se constata a interpretação da infidelidade de Capitu – condizem com um contexto em que o papel feminino ainda era muito abafado, tanto pela família quanto pela igreja e pela sociedade. Por outro lado, os estudos que surgem após 1960 e auxiliam a questionar a credibilidade de Casmurro, tentam transcender a infidelidade como locus da narrativa.

A partir daí, surgem outras possibilidades de leitura com base na obra, agora não mais culpabilizando a personagem feminina, mas sim realizando um empreendimento na tentativa de compreender o ciúme do narrador, suas raízes e motivações.

Algumas passagens, que validam a metáfora da infidelidade, podem ser encontradas em momentos onde Casmurro dirige-se a quem lê, de maneira direta e amigável, como “leitor amigo” e “caro leitor” (ASSIS, 2015, cap. X,

XXXVII, XLI e LIX). Isso, de certo modo, acaba sendo uma tentativa de aproximação e de trazer seu drama pessoal em uma conversa de velhos amigos; afinal, é o leitor quem julgará o mistério – e a validade – de seus relatos.

A obra permite que o leitor tire suas próprias conclusões sobre a fidelidade de Capitu e, por mais que todos os relatos de Casmurro pareçam reais e favoráveis à infidelidade, cada leitor receberá a obra a partir de suas próprias experiências, tornando-se uma espécie de leitor-autor, que produz mentalmente suas próprias conclusões. Nesse sentido, surgem as várias metáforas sobre a obra e, inclusive, o famoso debate questionando se a personagem de Capitu haveria ou não traído Bento Santiago.

Tecendo uma breve análise crítica, e a partir de reflexões que postula Helen Caldwell (2002), percebe-se que por sua profissão de advogado, Casmurro possui a qualidade da persuasão, da argumentação e da intencionalidade, omitindo e enfatizando certas informações a seu favor. Sendo a narração da obra em primeira pessoa, discursivamente, percebe-se que há apenas o ponto de vista de quem narra e as falas e impressões de outros personagens são narradas a partir de Casmurro.

Nesse cenário, até mesmo o *olhar de Capitu* serve de argumento para a acusação do ciumento Casmurro, propondo que os olhos da personagem “traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca” (ASSIS, 2015, cap. XXXII). Ao decorrer da obra o olhar apresenta ‘justificativas’ para o julgamento sobre Capitu, como no episódio do velório de Escobar:

No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira-lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas... As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela. Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o

defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos; como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (ASSIS, 2015, cap. CXXIII).

Nesse sentido, a metáfora do ciúme se faz ainda muito presente, pois muitos dos argumentos de Casmurro são direcionados ao olhar delator de Capitu, que pode refletir, até mesmo em um breve instante, sua infidelidade.

Por anos e para muitos, a crítica literária evidenciou, em *Dom Casmurro*, a traição de uma mulher dissimulada. Contudo, autores da crítica literária moderna, como Rocha (2011, 2015) e Schwarz (1990), passaram a questionar este discurso, propiciando ao leitor novas imagens de leitura. A metáfora do ciúme reflete uma interpretação a partir de uma sociedade que adotou novos hábitos e posicionou as mulheres em um novo patamar social.

Schwarz (1990), em *A poesia envenenada de Dom Casmurro*, propõe que o leitor, ao ser conduzido por Casmurro em suas afirmações sobre a traição, descarta outras possibilidades de leitura e aceita o que é oferecido pelo narrador ciumento. O autor supramencionado reflete sobre a posição do ciumento como narrador do romance, e postula a produção do livro como a maneira encontrada por Casmurro para se justificar diante de seus atos questionáveis. Assim, a posição de acusador deveria ser convertida à de acusado (SCHWARZ, 1990). Além do contexto da obra, Schwarz propõe que o que influencia a leitura de *Dom Casmurro* é a posição social do personagem acusador e o crédito por sua posição de poder.

João Cezar de Castro Rocha (2015), por sua vez, em “Ciúme e Dúvida Póstuma [*Dom Casmurro*, de Machado de Assis]”, destaca a dúvida presente no romance. O pesquisador aponta para uma definição, sugerindo a desconstrução da imagem da infidelidade e aproximando-se da imagem do mistério. Para ele, a infidelidade é uma entre várias imagens de leitura possíveis de *Dom Casmurro*:

Reconheço que essa é uma leitura válida do romance. Porém, trata-se de uma leitura fácil, que deixa escapar a malícia do texto. O tema central de *Dom Casmurro* não é a infidelidade, mas o ciúme. E não um ciúme qualquer, mas o de um escritor malogrado. (ROCHA, 2015, p. 185)

O ciumento, portanto, não pode ter conhecimento sobre a traição, pois deixa de ser mistério quando passa a ser revelada, assim como deixa de ser ciumento e passa a ser traído. Portanto, Rocha (2015) sugere que “o ciumento nunca dispõe da prova definitiva da infidelidade. O ciumento não pode saber; se sabe, não é mais ciumento, mas um resignado ou um revoltado” (ROCHA, p. 187).

Nesse cenário, Casmurro narra sua história e de Capitu: ele não possui certeza da traição e, por esse motivo, convida o leitor a opinar por ele. Porém, nem mesmo o leitor saberá, com certeza, se a infidelidade ocorreu ou não. A dúvida envolve a todos e o mistério é permanente, sendo este um dos motivos pelos quais a obra é um cânone brasileiro.

Rocha (2015) prossegue seus apontamentos sobre o romance com certa ironia, referindo-se ao modo como o narrador sugere as evidências da infidelidade. “Capitu chorou no velório? Uma clara confissão! E se não tivesse chorado? A confissão seria ainda mais eloquente, pois dissimulada” (ROCHA, 2015, p. 188). Ou seja, o autor considera que, para Casmurro, qualquer atitude de Capitu seria considerada culpável, tanto chorar pelo amigo como não chorar. Nisso, percebe-se que, à personagem, não há como escapar da acusação.

A sequência do ensaio propõe o que caracteriza o ciumento, a fim de demonstrar as atitudes do narrador: “O ciumento é um possessivo dotado de poderosa imaginação, é um escritor malogrado, que, em lugar de livros, produz fantasias de adultérios” (ROCHA, 2015, p. 188). E é nessa direção que se apoia a dúvida sobre a obra: teria Casmurro descrito todo o livro a partir do resgate de sua memória já desgastada pela idade, ou teria sucumbido à sua imaginação e

ânsia por culpar Capitu pela infidelidade? Seria, então, a infidelidade, fruto de um delírio?

Rocha (2006) expõe o tema e propõe que a leitura de *Dom Casmurro* é voltada a relatos falsos e equivocados de Bento. Essa hipótese de que tudo parte da imaginação do narrador é ampliada por Rocha, que afirma: “O ‘excesso’ de evidências listadas por Bentinho leva o leitor a desconfiar da verossimilhança da verdade a que chega o narrador: trata-se de uma reunião de “fatos” ou de produto da imaginação do narrador?” (ROCHA, 2006, p. 17).

Nessa perspectiva, portanto, o excesso de relatos sobre o que se passou é questionável, pois Casmurro deixa claro em algumas passagens que sofre por sua falta de memória devido à idade avançada. Então, é nessa direção que surge o questionamento: Bento Santiago é um narrador confiável?

Além disso, o pesquisador sugere olhar para a obra como “Uma espécie de anti-romance [sic] policial – quanto mais evidências Bentinho reúne, menos convincente o seu relato se torna.” (ROCHA, 2006, p. 17). O gênero referido por Rocha é caracterizado pela investigação e pelo levantamento de provas. Então, ao tratar *Dom Casmurro* como antirromance policial, o autor sugere uma obra sem provas, e talvez até uma produção que, em oposição à investigação policial, acusa sem provas ou com base na imaginação. O autor propõe que “a instabilidade do narrador e o tom caprichoso de suas decisões comprometem a conclusão a que chega.” (ROCHA, 2006, p. 28). Ademais, o pesquisador aponta uma duplicidade de sentidos na obra, o que não permite ao leitor saber, com certeza, sobre a ocorrência da traição: “Ora, justamente a *solução* não pode ser *qualquer uma*, mas deveria ser a certeza definitiva em relação à culpa de Capitu.” (ROCHA, 2006, p. 28).

Considerando esses gestos de leitura, é possível afirmar que a prática de construção, desconstrução e deslizamentos de imagens de leitura é o que faz de

Dom Casmurro uma obra com tanto potencial literário e social, visto que é uma obra que constitui leitores e proporciona leituras variadas.

Como se percebe, as possibilidades de leitura se dão com o decorrer do tempo, com o momento histórico em que cada leitor se encontra, já que a leitura que se faz do mundo está frequentemente mudando. A partir de cada sociedade e de cada época, as características que foram e são atribuídas à Capitu e à sua suposta infidelidade, seguem em uma eterna busca por adaptar-se aos novos tempos, aos novos leitores e às novas imagens.

2 A TEORIA FREUDIANA DO CIÚME

O ciúme é constituído a partir do medo da perda, seja ela simbólica, material ou metafísica. É uma das estruturas basais que constituem o aparelho psíquico do indivíduo e é um dos primeiros sentimentos que a criança experimenta ao descobrir que ela é diferente de sua mãe.

O ciumento considera o Outro uma parte do seu próprio eu e, uma vez que teme perder o Outro, teme perder a si mesmo. Freud, considerado o criador da psicanálise, descreve em sua obra *“Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade (1922)”*, três estágios psíquicos do ciúme.

O primeiro estágio que passa o sujeito ciumento se caracteriza pela tomada de consciência da perda do objeto de desejo. É nesse momento que o sujeito enfrenta um luto e uma separação, na medida em que se distancia do objeto amado. Neste estágio, como é característico do ciúme, pode acontecer uma culpabilização da perda, ou seja, o sujeito identificar um Outro como motivo de sua perda, acarretando um sentimento de raiva pelo mesmo (FREUD, 2011).

No segundo estágio, Freud classifica o ciúme que resulta de uma grande repressão à própria infidelidade praticada ou aos impulsos e desejos reprimidos.

(...) a fidelidade, sobretudo aquela exigida no casamento, é mantida em face de contínuas tentações. Quem as nega em si próprio, contudo, sente sua pressão de forma tão intensa que faz uso de um mecanismo inconsciente para se aliviar. Obtém esse alívio, essa absolvição perante sua consciência, quando projeta seus próprios impulsos à infidelidade no parceiro ao qual deve fidelidade. (FREUD, 2011, p. 211).

O psicanalista chama este estágio de “projetado”, pois tem um caráter delirante, fantasioso. Contudo, neste caso, o delírio e a fantasia atuam como mecanismos - conscientes ou inconscientes - de defesa do sujeito para com seus próprios impulsos à infidelidade. Assim, esta projeção resulta de um enfrentamento aos próprios desejos.

Neste estágio, quanto mais intenso for o desejo e, conseqüentemente, a repressão, mais articuladas serão as maneiras com as quais o sujeito ciumento tentará projetar seus impulsos velados. Assim, várias ações cotidianas podem se tornar “provas” de uma traição, como é o caso das diversas interpretações, sob o caráter de julgo, que são colocadas no olhar de Capitu: “Voltei-me para ela; Capitu tinha os olhos no chão. Ergueu-os logo, devagar, e ficamos a olhar um para o outro... **Confissão** de crianças, tu valias bem duas ou três páginas, mas quero ser poupado.” (ASSIS, 2015, cap. XIV, grifo nosso).

A diferença do segundo para o terceiro estágio é que, no terceiro, o objeto de desejo é do mesmo sexo do indivíduo desejante. É resultado de um desejo homossexual reprimido e que, não dificilmente, acaba por findar em certo grau de paranoia. Tal paranoia atua como uma defesa do desejo homoafetivo que, por razões ímpares³, não pode ser demonstrado. Neste caso, é possível encontrar sintomas de todos os três estágios, como o luto pelo objeto amado, raiva pela/o “rival”, a projeção etc.

³ Sabemos que as razões pelas quais o desejo homoafetivo, por vezes, não pode ser demonstrado, são resultados de preconceitos e intolerâncias. Quando Freud escreveu sua teoria, não aprofundou tal questão por não ser foco do seu estudo.

Cria-se, a partir de então, uma relação triangular: Eu - objeto amado - Outro/Rival (na obra, Casmurro - Escobar - Capitu ou Casmurro - Capitu - Escobar). O Outro, rival, aparece como uma ameaça entre o Eu e o objeto de desejo, como se ele em si fosse uma representação da ameaça da perda deste objeto, como se este “terceiro” fosse a formalização da separação entre o Eu e o objeto de amor (RIOS, 2013).

Nesta perspectiva, o ciúme tem como característica primária o medo da perda do objeto amado e, por consequência, faz com que o indivíduo reviva angústias arcaicas que fizeram parte da sua constituição psíquica (RIOS, 2013). Tal elemento determina, dentre muitas outras coisas, o olhar que este indivíduo lança para o mundo olhar este, quase sempre, por sua posição defensiva, de suspeita, visto que este indivíduo se sente assaltado, perturbado.

Nesta lógica, é possível identificar em Casmurro um sujeito paranoico, em busca de qualquer detalhe para corroborar sua suspeita, a fim de sanar seu sofrimento psíquico. É um sujeito que demonstra uma atenção extraordinária e uma capacidade imensa de interpretar os desejos inconscientes de Capitu, “de modo que sempre tinha razão e podia invocar também a análise para justificar seu ciúme” (FREUD, 2011, p. 214).

Colocadas as classificações e determinações do ciúme enquanto patológico ou não, o que mantém a dúvida durante a leitura, e que também é o questionamento inicial que motivou este estudo, é o fato de não conseguir compreender ou ter uma resposta definitiva se o ciúme que Bento Santiago sente é por Capitu (a tendo como seu objeto de desejo e Escobar como seu rival) ou por Escobar (o tendo como objeto de desejo e Capítulo como rival).

O ciúme, a infidelidade e a narrativa de incerteza aparecem como a grande metáfora da obra machadiana. São nesses mistérios que reside a potência da obra, enquanto terreno fértil para a criação de possibilidades outras de leitura.

3 DOM CASMURRO: UMA NARRATIVA DE DESEJO

Oliva (2017) em *Amizade masculina e homoerotismo em Dom Casmurro*, de Machado de Assis propõe que o que uma leitura mais atenta parece revelar, sobre *Dom Casmurro*, é a possibilidade de ver para além de Capitu, que, até então, parecia preencher todas as lacunas, levando o leitor a crer que o locus da obra era sua infidelidade (OLIVA, 2017). Nestas novas leituras, feitas pela crítica literária moderna, surge a possibilidade de ler *Dom Casmurro* sob uma perspectiva homoerótica, resultado de uma complexa trama, ora explícita, ora implícita (MISKOLCI, 2009; OLIVA, 2017).

A partir desse aspecto, vale assomar a relação de Bento Santiago e de Escobar, que por sua vez, passa quase que despercebida para muitos leitores. O relacionamento de ambos parece enfrentar desafios, quando, por exemplo, percebe-se o demasiado constrangimento que os mesmos passam ao trocarem um simples abraço, comum à nossa época, mas quase um pecado à época da obra.

Fiquei tão entusiasmado com a facilidade mental do meu amigo, que não pude deixar de abraçá-lo. Era no pátio; outros seminaristas notaram a nossa efusão; um padre que estava com eles não gostou.

— A modéstia, disse-nos, não consente esses gestos excessivos; podem estimar-se com moderação. (ASSIS, 2015, cap. XCIV)

Nisso, os dois têm de ocultar sua proximidade ‘exagerada’, pois, o que em nossa época pode parecer habitual, cem anos atrás era vislumbrado com olhares mais conservadores. Dois rapazes demonstrando ‘grandes’ atos de afetuosidade. Tal fato, também é chave de leitura para compreender a complexa relação que se estabelece entre os dois seminaristas, visto que se trata de um relacionamento sujeito à repressão.

Há, também, entre Escobar e Bento Santiago, uma teia de relações simbólicas de admiração, brandura e cuidado. Diz-se isso, pensando em diversos momentos da narrativa em que Casmurro se atém a realizar uma detalhada e entusiasmada descrição de Escobar.

Os olhos de Escobar, claros como já disse, eram dulcíssimos; assim os definiu José Dias, depois que ele saiu, e mantenho esta palavra, apesar dos quarenta anos que traz em cima de si. Nisto não houve exageração do agregado. A cara rapada mostrava uma pele alva e lisa. A testa é que era um pouco baixa, vindo a risca do cabelo quase em cima da sobrancelha esquerda; mas tinha sempre a altura necessária para não afrontar as outras feições, nem diminuir a graça delas. Realmente, era interessante de rosto, a boca fina e chocarreira, o nariz curvo e delgado. Tinha o sestro de sacudir o ombro direito, de quando em quando, e veio a perdê-lo, desde que um de nós lho notou, um dia, no seminário; primeiro exemplo que vi de que um homem pode corrigir-se muito bem dos defeitos miúdos. (ASSIS, 2015, cap. LXXI).

Vale ainda destacar que existe uma discrepância muito grande entre as narrações que Bento Santiago faz de Escobar para com as que faz de Capitu. Enquanto Capitu possui o olhar de cigana oblíqua e dissimulada, Escobar tinha os “olhos dulcíssimos”. Bentinho faz descrições detalhadas e intimistas acerca de Escobar, enquanto que para Capitu não sobra espaço para uma narração mais profunda a não ser quando se torna necessário advogar sob sua infidelidade e culpa.

Outra característica que tem destaque na obra é o modo como se constrói a relação entre Casmurro e Capitu, comparado a Casmurro e Escobar. Enquanto a relação com Capitu era organizada e construída por José Dias, sequela da promessa feita por sua mãe, Dona Glória, o afeto com Escobar surgiu organicamente, de modo agradável e natural (OLIVA, 2017). Por isso, inclusive, a personagem de Capitu aparece na narrativa como uma luz, que clareia as lacunas deixadas para trás. Porém, aos seus olhos de ressaca, resta a função de

servir como engodo, deixando ao leitor a responsabilidade de sustentar a narrativa com suas próprias significações.

Desse modo, as lacunas e dúvidas que surgem ao longo da leitura possibilitam produzir uma interpretação mais particular e intensa, despontando nas variadas interpretações e leituras a respeito do romance, já que cada leitor preencherá esses vazios com suas perspectivas.

O fato de ler algo relacionado ao afeto, tendo sido escrito há mais de cem anos, conduz a um modo distinto de interpretação. O afeto, aqui direcionado, diz respeito a muito mais que uma banal troca de carinhos entre amigos. O 'gostar' ganha uma intenção maior quando passa por uma leitura mais atenta. Neste cenário, a relação entre os jovens se mostra cada vez mais próxima no isolado seminário, sendo que Bento deixa claro ser Escobar a pessoa mais próxima de si,

— Escobar, você é meu amigo, eu sou seu amigo também; aqui no seminário você é a pessoa que mais me tem entrado no coração, e lá fora, a não ser a gente da família, não tenho propriamente um amigo. — Se eu disser a mesma coisa, retorquiu ele sorrindo, perde a graça; parece que estou repetindo. Mas a verdade é que não tenho aqui relações com ninguém, você é o primeiro e creio que já notaram; mas eu não me importo com isso. Comovido, senti que a voz se me precipitava da garganta. (ASSIS, 2015, cap. LXXVIII)

Além disso, outra passagem que deixa clara a substituição amizade/desejo é o momento em que fala sobre o toque, o ato de tocar-lhe, apalpa como se fosse a uma moça, ou seja: com o olhar de desejo, sente que os braços do jovem são maiores que os seus, e ainda revela que lhe custa essa confissão, como um sentimento reprimido, ou até mesmo proibido:

Apalpei-lhe os braços, como se fosse os de Sancha. Custa-me esta confissão, mas não posso suprimi-la; era jarretar a verdade. Não só os apalpei com essa ideia, mas ainda senti outra coisa: achei-os mais grossos e fortes que os

meus, e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadar. (ASSIS, 2015, cap. CXVIII)

O narrador finaliza abruptamente a descrição, de modo que busca mudar o rumo que o relato toma, apesar de ter sentido os braços de Escobar como se fossem os de Sancha, ou seja, parte ali do desejo, a atração física ligada à intimidade que, para a época, seria permitida apenas em uma relação entre homens e mulheres, e sentir que são fortes, propõe que o rumo da conversa era para afirmar que aqueles braços sabiam, de fato, nadar.

Neste e nos outros trechos apresentados anteriormente, se percebe um olhar tímido de desejo, um sentimento proibido, que necessitava de deslocamento, a fim de torná-lo velado. Ademais, com base nestes momentos da obra, demonstrou-se como se estabeleceu a relação de Bento Santiago e Escobar, dentro do seminário e, após, em suas vidas pessoais. Com isso, sem pretensão de trazer uma resposta fixa à questão norteadora do estudo, mantém-se a dúvida e o mistério acerca da metáfora do ciúme.

Isso posto, a partir de toda discussão traçada neste trabalho, foi possível ventilar argumentos sobre como a obra, assim como a literatura em geral, e pode-se considerar que também o meio em que se encontram passam por mudanças ao longo do tempo e podem de tal forma se reinventar. Nesses termos, pudemos compreender a leitura como um meio de deslocamento e de identificação. Neste caso, a obra escolhida serviu de ancoragem para que pudéssemos permear alguns dos diversos caminhos que a sua leitura já possibilitou traçar. Vale lembrar, que apesar de mais de um século desde a sua publicação, a obra se torna atual a cada nova leitura e a cada novo leitor conquistados pelas conexões possíveis na obra de Machado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo, demonstrou-se que existe uma relação muito complexa entre Casmurro e Escobar, que pode não ser percebida em uma leitura mais superficial. Desde o início, a pesquisa teve como ponto de partida não se entregar à leitura da infidelidade, tão trabalhada por outros autores e críticos.

Demonstrou-se, confirmando a hipótese inicial, que existe uma ligação muito forte, e psiquicamente profunda, entre Bento Santiago e Escobar, que iniciou ainda no seminário e acentuou-se durante o decorrer de suas vidas. Capitu, por sua vez, representa duas minorias da época os pobres e as mulheres, ressalta a mulher que não se deixa comandar e por isso altera a ordem na sociedade da época – e ainda hoje –, Capitu era de Matacavalos, uma menina pobre, ao relacionar-se com Bento, um jovem de família abastada que retorna do seminário, abre conclusões de várias espécies para o leitor da época.

Como proposição do estudo, apresentaram-se diversos momentos da obra em que é relatada uma aproximação maior entre os dois personagens supramencionados, e em que Bento Santiago lança uma descrição detalhada e intimista sobre Escobar. Nisso, produziu-se, como metáfora de leitura, que existe uma possível relação de desejo entre os dois personagens, e que o ciúme projetado sob a figura de Capitu era fruto da repressão deste. Por fim, destaca-se que o desejo como metáfora de leitura e as questões de gênero que perpassam a obra reforçam, mais uma vez, a potência e a força de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas*. v. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2015b. Disponível em: <https://machadodeassis.net/texto/dom-casmurro/11503>. Acesso em: 21/01/2023.

CALDWELL, Helen. *O Otelô brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. Ateliê editorial, 2002.

FREUD, Sigmund. Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade (1922). In: FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 209-224. (Obras completas, 15).

MISKOLCI, Richard. O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 2, 2009.

OLIVA, Osmar Pereira. Amizade masculina e homoerotismo em Dom Casmurro, de Machado de Assis. *Machado de Assis em Linha*, v. 10, n. 22, pp. 74-93, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

RIOS, Fernanda Costa. Sobre ciúmes e erotomania: reflexões acerca de um caso clínico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, set. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000300009>. Acesso em: 16/11/2022.

ROCHA, João Cezar de Castro. O que deseja um seminário: à roda de Machado de Assis. (Introdução). In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *À roda de Machado de Assis: ficção, crônica e crítica*. Chapecó: Argos, 2006. p. 9-34.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Por uma esquizofrenia produtiva (da prática à teoria)*. Chapecó: Argos, 2015.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de Dom Casmurro. In: SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 05 de março de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 25 de julho de 2023.